

## RESENHAS

CALDERA, Alejandro Serrano.

**Filosofia e Crise: pela filosofia Latino-Americana.**

Petrópolis, ed. Vozes, 1984.

O autor fez estudo de Direito na Universidade da Nicarágua e em Roma. É doutorando em filosofia no Instituto de Filosofia da Universidade de Paris. Foi embaixador da Nicarágua junto ao governo francês e junto a UNESCO.

Esta obra é dividida em três capítulos: Capítulo I, "Historicidade, Regionalidade e Universalidade da Filosofia"; Capítulo II, "A Crise do Racionalismo e a Crise européia"; Capítulo III, "América Latina: possibilidade de uma filosofia".

A finalidade deste trabalho é analisar a crise européia causada pelo racionalismo e apresentar a América Latina como esperança de um novo projeto de vida e de mundo. O autor constata que atualmente vivemos uma profunda crise histórica, onde a dimensão humana foi diluída, instaurando com isso, uma crise de valores.

No entanto, toda crise é um momento de expectativa, é um anúncio de mudança. Para romper com esta instabilidade provocada pelo racionalismo, herança do velho mundo (europa), o autor defende com veemência um projeto filosófico autônomo para a América Latina, que tenha como preocupação básica a articulação de uma reflexão voltada para a sua realidade histórica e social, na tentativa de compreender o ser latino americano e descobrir aí, uma nova visão de mundo e um projeto de uma nova sociedade e de um novo homem.

No capítulo I, o autor discute a relação entre filosofia e a história, procurando demonstrar que o caráter universal próprio da filosofia é construído a partir de uma situação determinada, portanto, histórica. A caracterização da regionalidade se dá pela observância de elementos próprios de determinado espaço geográfico e para ganhar sentido filosófico devem ser transpostos para uma dimensão mais ampla (universal). Assim, historicidade, regionalidade e universalidade estão intimamente ligadas.

Todas as grandes correntes filosóficas surgiram de problemas concretos e determinados. O marxismo, por exemplo, "adquire seu sentido pleno enquanto considerado diante do capitalismo europeu" (p. 54), e a "fenomenologia de Husserl, por seu lado, vista numa perspectiva histórica e diante da estrutura cultural de seu tempo, é a mais radical e profunda ruptura com a filosofia européia e com as ciências naturais enquanto estendidas ao campo do espírito" (p. 54). A busca da universalidade é ao mesmo tempo a busca da autenticidade: "ser autêntico significa deslindar o que é próprio e integrá-lo em seu tempo e realidade, quer dizer, dar-lhe universalidade" (p. 56). Por isso, falar numa filosofia americana não significa romper com a tradição filosófica.

No capítulo II, Alejandro analisa a gênese, desenvolvimento e a crise do racionalismo europeu. Analisar a crise do racionalismo é também, segundo o nosso filósofo, investigar a crise européia e do mundo contemporâneo, já que a europa foi a parteira desta vertente filosófica que posteriormente influenciou e determinou a vida de muitos povos.

Segundo o autor, o mundo moderno se caracteriza essencialmente pelo culto à razão. O predomínio da razão romperá com a concepção medieval em todos

os setores. Esta revolução começa com a física de Galilleu e a metafísica de Descartes. A formulação racional e a experimentação passam a ser considerados como elementos essenciais da ciência. Para o radicalismo de Fichte, por exemplo, a "razão não interpreta o mundo objetivo, cria-o" (p. 64). A abolição da diferença entre realidade e racionalidade é encontrada definitivamente em Hegel, para o qual "o racional é real e o real é racional" (p. 64).

O surgimento da Rev. Industrial, o desenvolvimnto da técnica, do positivismo e do espírito utilitarista evidenciam a crise do racionalismo. A ciência curva-se ao poder, passa a ser dependente do sistema, predominam o sentido prático, o conforto e a preocupação com o luxo.

O homem do século XX passa a ser o resultante deste processo de exclusão do humano, o centro passa a ser o utilitarismo e o cientificismo, isto é, a preocupação com o ter e não com o ser.

No capítulo III, o autor apresenta certas características que diferencia esta parte do continente americano dos países do centro, como: dependência, dispersão cultural, confluência de raças... Isto faz com que a América Latina se situe numa posição privilegiada para formular uma crítica ao sistema hegemônico e "propor um novo modelo de sociedade" (p. 77).

Esta situação é também um desafio, o de elaborar uma filosofia autônoma que possibilite a constituição da unidade latino americana e de sua identidade diante do mundo.

Assim articulado, o pensamento latino americano aparece como uma alternativa de humanização do mundo contemporâneo. Sistematizar a filosofia latino americana é "assumir um problema, mas também uma esperança, uma perspectiva, um compromisso" (p. 96), é propor um novo quadro valorativo e uma nova sociedade que possibilite o surgimento de um novo homem. É, enfim, inserir na nossa realidade e daí extrair os elementos essenciais e fundamentá-los com a contribuição da tradição filosófica.

A definição do ser latino americano é uma necessidade urgente com que deparamos, primeiro passo para articulação, integração e libertação do nosso povo. Nesse sentido, o texto do filósofo nicaraguense é um marco importante, pois apresenta uma defesa sincera e apaixonada de um projeto filosófico latino americano autônomo.

**Adão José Peixoto**

Pós-graduação em Filosofia da Educação - PUCAMP

V. V. A. A.

**Pós-Modernismo.**

Campinas, Ed. UNICAMP, 1987.

A discussão sobre o pós-modernismo chegou ao Brasil a poucos anos atrás apesar de já existir desde 1979, um texto publicado a este respeito na França pelo francês Jean-François Lyotard e, em arquitetura, o conceito estar sendo aplicado ainda a mais tempo.

A bibliografia no Brasil é escassa, sendo este assunto veiculado principalmente pelos cadernos culturais de jornais de grande circulação como a "Folha de São Paulo", o "Estado de São Paulo", "Jornal do Brasil" ou revistas como "Leia Livros". Fora isso restaram publicações introdutórias editadas pela Brasiliense (Coleção Primeiros Passos — "O que é pós-modernismo" de Jair Ferreira dos Santos) ou o

interessante "Cenários em Ruínas" de Nelson Brissac Peixoto, publicado também pela Brasiliense. Outros textos, apesar de tocarem o assunto da modernidade (Marshal Berman, Umberto Eco, etc.) não se aprofundam tanto na questão da pós-modernidade, talvez porque o mundo acadêmico ainda não resolveu debruçar-se com vontade sobre este polêmico assunto.

Neste cenário foi surpresa o aparecimento deste livrinho publicado pela editora da UNICAMP no final de 1987. Há algumas novidades nas quatro partes deste volume de 88 páginas. Comentaremos as seções separadamente seguindo a mesma ordem em que os artigos foram inseridos no texto.

### **1. A categoria da (des)ordem e a pós-modernidade da antropologia — Roberto Cardoso de Oliveira**

Em uma análise histórica do passado recente da antropologia, o autor distinguiu três momentos diferentes, caracterizados por "escolas" de pensamento antropológico originárias de diferentes tradições intelectuais: o racionalismo (derivado da Ecole française de Sociologie), o estrutural-funcionalista (derivado da British School of Social Anthropology) e o culturalista (derivado da American Historical School of Anthropology).

Um quarto domínio seria a junção entre antropologia e hermenêutica, gerador do que nos EUA vem sendo chamado de "Antropologia Interpretativa". Esta tendência ainda é incipiente e está sujeita a inúmeras críticas mas podemos compreendê-la como crítica sistemática às antropologias tradicionais, tentando atualizar a categoria da desordem a partir do ponto de vista da matriz disciplinar.

Isto se daria em primeiro lugar pelo afastamento, pela negação radical do discurso cientificista dado pelos outros três paradigmas. Em segundo lugar "por uma reformulação daqueles três primeiros elementos que haviam sido domesticados pelos paradigmas da ordem: a subjetividade que, liberada da coerção da objetividade, toma sua forma socializada, assumindo-a como intersubjetividade; o indivíduo, igualmente liberado das tentações do psicologismo, toma sua forma personalizada e não teme assumir sua individualidade; e a história, desvincilhada das peias naturalistas ... toma sua forma interiorizada e se assume como historicidade." (pág. 25)

Estes três elementos reformulados passam a atuar como fatores de desordem dentro da antropologia que os interpretativistas tendem a chamar de "antropologia tradicional", sustentada pelos paradigmas da ordem.

A concepção hermenêutica desta nova antropologia não se prende especificamente a Heidegger, Gadamer, Betti, Hirsch, Ricoeur e muito menos à "hermenêutica clássica" de Schleiermacher e Dilthey. O indicador significativo desta pós-modernidade antropológica estaria talvez na sua vulnerabilidade excessiva ao movimento hermenêutico. A vulnerabilidade se daria na crítica ao poder absoluto da razão e à ciência. Nietzsche e Jean-François Lyotard seriam fontes, marcas importantes no caminho da descoberta da pós-modernidade. Lyotard, quando rejeita toda metateoria ou metadiscurso, deslegitima igualmente qualquer meta-sistema filosófico ou científico que se proponha a dar conta da complexidade do homem e do universo. Este discurso de Lyotard sobre a Pós-modernidade se dá no interior de algumas condições básicas:

1) a condição pós-moderna se dá no interior de sociedades pós-industriais, sociedades informatizadas nas quais as transformações tecnológicas sobre o saber afetaram consideravelmente a pesquisa e a transmissão de conhecimento.

2) a legitimidade deste saber não se sustenta mais nos "metadiscursos", nas grandes narrativas, sejam elas capitalistas ou marxistas.

3) excluindo o recurso às grandes narrativas como validação do discurso científico pós-moderno, resta apenas a "pequena narrativa" que toma a invenção imaginativa.

4) o próprio consenso é inatingível, sendo apenas um estado de discussões e não um fim.

Tudo isto nos leva a uma anarquia epistemológica, um estímulo de experimentos e pequenas narrativas sobre a realidade no sentido oposto da pragmática universal consensual preconizada por Habermas e combatida por Lyotard.

Este enxerto hermenêutico na antropologia visto sob a ótica do pós-modernismo de Lyotard é, em si, um pastiche, bem ao estilo da pós-modernidade. A antropologia interpretativa ainda está em formação e penso que seu desenvolvimento se dará a medida em que as novas sociedades humanas pós-industriais e pós-modernas forem gerando práticas e discursos que possibilitem, pela diversidade e confronto, um melhor entendimento e teorização sobre suas características (ou falta delas) mais gerais e abrangentes.

### O Enigma Pós-Moderno -- Nicolau Sevcenko

O pós-modernismo nasce do espanto do homem perante sua nova sociedade, do desencanto perante a catástrofe da história do mundo. Walter Benjamin expõe sua terrível visão sobre a história em seu texto "Teses sobre a Filosofia da História", de 1940, e o autor faz questão de reproduzir a versão de Benjamin sobre o anjo da história, inspirada num quadro do pintor Paul Klee de 1920. O "Angelus Novus" é decaído "e sua rebeldia o tornou impotente para auxiliar os vencidos, mortos e humilhados".

O homem descobriu-se só, reduzido aos limites estreito de sua "fraqueza, horror e fúria". O que antes era moderno tornou-se pastiche, simulação, impostura. Estamos reciclando a história, o joio e o trigo produzidos por séculos agora se mesclam em uma amálgama incognoscível, portanto não sabemos se nos será útil ou não.

Kafka poderia ter preconizado o pós-modernismo por estes trechos: "Outrora eu não podia compreender que minhas perguntas não obtivessem resposta; hoje em dia não compreendo que jamais tivesse admitido a hipótese de formular perguntas..."

Ou este outro trecho: "As portas são inumeráveis, a saída é uma só mas as possibilidades de saída são tão inumeráveis quanto as portas. Há um propósito e nenhum caminho: o que denominamos caminho não passa de vacilação."

Aí está o âmago do pós-modernismo: o sentido de perda. Perda do próprio sentido e significado da existência, de uma "rejeição da herança socrática da unidade, transcendência e supremacia dos princípios da razão, da verdade e do belo." Mallarmé, Joyce e Borges já preconizavam algo assim em suas obras. Sartre igualmente. Se temos hoje inúmeras e infinitas possibilidades, como escolher a melhor? Qualquer uma servirá já que não podemos conhecer a totalidade das opções e esta pluralidade incognoscível equivalerá ao nada.

O próprio movimento modernista não foi homogêneo e unitário, da mesma forma que não há qualquer unidade entre as experiências artísticas e filosóficas ditas pós-modernas. Tampouco existe um acordo sobre a acepção deste termo. Podemos encontrar várias delas:

a) os americanos o consideram mera correspondência na área cultural do advento da tecnologia pós-industrial (cibernética e informática);

b) outros o entendem como uma crítica voltada à negação das vanguardas, exaltando o pré-modernismo e se inclinam às fontes da história e ao passado;

c) seria ainda uma pasteurização dos cacoes destas vanguardas, sem vitalidade ou compromissos de espécie alguma.

Estas concepções, segundo Sevcenko, são todas reacionárias tentando esvaziar o conteúdo de propostas alternativas da atualidade européia como o pacifismo, a ecologia, feminismo, libertação sexual, o problema das minorias em geral, etc.

Há que se considerar ainda a valiosa colaboração que a arquitetura deu ao conceito através de inúmeras obras "eccléticas" construídas nas grandes cidades dos países capitalistas em geral.

Em meio a estas ambigüidades resta um ataque ao discurso metafísico e positivista. Em contrapartida existe a valorização da sensibilidade para a expressão do acaso, do contraditório e aleatório, o prazer, o humor, a contemplação gratuita. O incompreensível e o infável, o imponderável e livre contra séculos e de fé brutal de que tudo pode ser "pesquisado, conquistado, controlado."

Irracionalismo, anarquismo, niilismo? Tudo junto e mais alguma coisa que ainda desconhecemos. Estamos em processo, em busca. O pós-moderno não é um castelo de pedra. É efêmero, transitório e provisório como todo ser humano. "Um enigma que não merece a violência de ser decifrado."

O autor encerra com três aforismas do "Evangelho apócrifo" de Borges:

"Busca pelo agrado de buscar, não pelo de encontrar..."

"A porta é que escolhe, não o homem."

"Nada se edifica sobre a pedra, tudo sobre a areia, mas nosso dever é edificar como se fora pedra e areia..."

### **Barth, Pynchon e outras absurdetes — O pós-modernismo na ficção americana — por Jair Ferreira dos Santos**

"Entropia e anti-realismo são os decalques na literatura, do capitalismo pós-industrial, baseado na tecnociência e na informação, em ascensão nos EUA há duas décadas." (pág. 60)

Assim o autor começa a análise da literatura pós-moderna norte-americana. O cosmos tende aos caos, o sujeito é um "átomo estatístico surfando nas ondas do provável e do incongruente." É uma pena que o autor não tenha tido tempo de analisar o romance lançado ano passado no Brasil com o título de "Bandidos Cósmicos" de A. C. Weinsbecker, um magnífico exemplar de loucura e "non-sense", onde tenta-se fazer um paralelo entre o absurdo da existência humana e a incongruência da física subatômica. No final o personagem decide deixar de lado esta "filosofia" toda e simplesmente desfrutar da insanidade e gostosura da vida. Enquanto ainda pode.

A desconstrução nos EUA passa necessariamente pelos Beats e pelo movimento "hippie", respectivamente nas décadas de 1950 e 1960. Os novos literatos como Barth, Pynchon, Vonnegut e Heller não poderiam voltar atrás em suas propostas de vanguarda e criaram um anti-estilo anti-intelectual para "expor sua face apocalíptica, sua farsa terminal, em suma, engendrar uma anti-forma para o absurdo sob o guarda-chuva nuclear, numa era de mutação cultural." (pág. 61). Estas são as características do romance norte-americano de vanguarda do últimos 25 anos.

A preferência recai sobre o burlesco, o exagero cômico, uma estética jocosa em uma metaficção absurda. Um relato denso, complexo mas desvinculado da racionalidade. O absurdo do cotidiano perpassado pelo discurso pretensamente racional deste absurdo prático. A teoria absurda que os personagens fazem de sua vida, em si, absurda, perdida em histórias fantásticas, devaneios insólitos e caminhos perdidos. Um meta-absurdo literário.

Nesta salada vale desde "histórias em quadrinhos, pornografia, arte culta e arte de massa, ficção científica, western, tudo "alegremente canibalizado pelos espíritos mais requintados."

Pynchon trabalha com a sugestão de que, na sociedade atual, paradoxalmente, o mistério das coisas aumenta com o volume incrível de informação acumulado. As falhas para ordenar, interpretar e estruturar esta informação em fontes cognoscíveis, leva os homens à marginalização provocada pela falta de parâmetros, de meta-discursos. Exatamente o que Sevcenko coloca na sua parte deste livro.

### **O futuro do passado — Nelson Brissac Peixoto e Maria Celeste Olalquiaga**

Há uma interpretação dos filmes de ficção científica bem ao gosto de Peixoto. Em "Cenários em Ruínas" (Ed. Brasiliense), o autor faz uma análise do imaginário contemporâneo exclusivamente com base em filmes dos últimos vinte ou trinta anos.

Neste texto ele analisa certas imagens de ficção científica (FC) que nos remetem a um passado e não a um futuro distante. Há nostalgia e lirismo, saudades de uma utopia que se torna cada vez mais distante e impossível, portanto o futuro torna-se um simulacro de um passado seguro, conhecido e estável.

Como em "Blade Runner", "Dune" e mesmo em "Star Wars.., o pastiche, a recuperação de cenas cotidianas do presente ou do passado é indisfarçável. Proposital até. A história passa-se hipoteticamente em um futuro distante talvez até mesmo em outra galáxia. Mas os interiores das naves e casas, os cenários, as roupas e jóias não são "futuristas" é esta a volta estética a um passado, mesmo que a ação se desvele em um filme de FC.

Em "Peggy Sue, o passado a espera", de Francis Coppola, ou em "Back to the Future", os autores tentam reconstruir seu passado melhorando assim seu presente e o futuro, o máximo de tentativa de unir o sonho humano de viver bem à possibilidade de reconstruir a sua história com as próprias mãos, já que a realidade presente não é a ideal ou satisfatória.

Em outros filmes os andróides e monstros mostram uma desumanização crescente mas, em compensação, estes monstros e robôs possuem algo de "sentimento humano", sensações estas tão perdidas pela humanidade contemporânea.

Um dos filmes mais loucos produzidos em 1983 foi Liquid Sky. É um Extraterrestre que se alimenta da energia produzida por humanos após consumirem heroína e durante o ato sexual. O cenário e as pessoas são meio "punks", "outsiders", naturalmente, pois é um grupo ligado às drogas, rock pesado e festas super-agitadas. A vida permeada pela falta de sentido se esvai aos poucos, na medida em que os ETs vão "fagocitando" a energia dos homens e mulheres para reabastecer-se.

Enquanto os anos 50 geraram uma filmografia que mostra o temor da perda de identidade e tentaram imaginar um mundo futuro recuperado de seus significados, nos anos 80 porém, "a ausência de crenças que caracteriza a cultura

pós-industrial é tão dramática que impede qualquer projeção futura. Só nos restam os gestos do roubo e simulação para entreter este vazio." (Pág. 88)

Este pequeno texto através de suas quatro visões rápidas sobre a pós-modernidade torna-se fonte de pesquisa inicial para qualquer aprofundamento sobre a matéria. Vários de seus autores escreveram outros textos a respeito (Jair Ferreira dos Santos, Sevcenko, Brissac Peixoto) e os comentários sobre os romances norte-americanos são fundamentais para um melhor entendimento da obra destes autores. O toque de novidade mais chamativo fica por conta desta nova concepção antropológica denominada "Interpretativa".

**Luiz Gonzaga Godoi Trigo**

Pós-Graduação em Filosofia - PUCAMP

CESAR, Constança Marcondes.

**Filosofia na América Latina.**

São Paulo, Paulinas, 1988. 84 p. (Ensaio filosófico).

Na introdução dessa importante obra de síntese, a autora situa o objeto e o método de investigação na realização do projeto. É um primeiro estudo panorâmico das correntes filosóficas na América Latina, estudo apoiado em textos de historiadores do pensamento. Não é uma leitura direta das obras filosóficas, mas apenas um quadro geral, apresentando um resumo das teses principais dos filósofos. A obra se limita a cinco países: Peru, Uruguai, Argentina, México e Brasil. Foram dois os critérios que orientaram essa escolha: a acessibilidade dos textos a partir da bibliografia disponível no **Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine** em Paris e a relevância dos países estudados no panorama filosófico da América Latina.

Seguindo uma **ordem cronológica**, a autora começa por estudar a Escolástica espanhola e portuguesa, dominantes, até meados do século XVIII, no pensamento filosófico dos citados países. A Ilustração, inspirada no empirismo, marcará uma oposição à Escolástica, oposição que irá atingir o auge com a expulsão dos jesuítas em 1767. "O pensamento ilustrado influi sobre a Independência e a República, tem repercussões políticas: o reconhecimento da autonomia da razão leva os pensadores a afirmar a capacidade de autogoverno do povo peruano" (p. 13).

No começo do século XIX, coexistem diversas correntes: o cartesianismo, o sensualismo, a escolástica tradicional. Ademais, o século XIX é o século do ecletismo e do positivismo. Outras correntes contrárias se impõem aqui e acolá, como o tradicionalismo, o krausismo, o cientificismo, o monismo evolucionista e o kantismo, sobretudo na Escola de Recife com Tobias Barreto e Sílvio Romero.

Nas tendências contemporâneas, são estudadas as diferentes concepções filosóficas de fim do século XIX, início e decorrer do século XX.

No Peru, constata-se uma reação espiritualista contra o positivismo, o estudo e a difusão da escola fenomenológica alemã (Scheler, Husserl e Heidegger) e do historicismo de Hartman, o surgimento do pensamento católico, bem como um grupo de pensadores de inspiração marxista.

No Uruguai, continua a repercussão do positivismo, do espiritualismo, da filosofia da cultura, do marxismo e do neotomismo.

Na Argentina, segundo Caturelli, "são três as vertentes da filosofia argentina contemporânea: a neo-escolástica, o positivismo tardio, o espiritualismo

eclético" (p. 37). No entanto, outras vertentes devem ser lembradas, como a fenomenologia, o historicismo, a axiologia, o marxismo e a filosofia da ciência.

No México, como nos demais países estudados, há uma grande diversidade de tendências, que vão do positivismo ao existencialismo, do historicismo à proposta de elaboração de uma filosofia americana com o **Grupo Hipérion**, chefiado por Leopoldo Zea.

No Brasil, as principais tendências podem ser assim resumidas: positivismo, bergsonismo, neokantismo e fenomenologia, filosofia da ciência, neotomismo e culturalismo, personalismo e marxismo. O livro traz uma ampla relação de tendências, de pensadores, de Centros de Estudo e Pesquisa, muito úteis e indispensáveis para quem desejar prosseguir o trabalho de conhecimento, investigação e difusão da Filosofia na América Latina. A autora ressalta, em seu estudo, uma lacuna muito séria nos pensadores de nosso continente. As relações entre os pensadores dos diferentes países são quase inexistentes. Em geral, cada pensador se limita a mostrar os movimentos por países. É lastimável que ainda continuemos, de maneira geral e fora algumas exceções, a pensar, a fazer filosofia de costas para a América Latina, voltados para o hemisfério norte. Na medida em que outros trabalhos dessa natureza foram empreendidos e divulgados, poder-se-á esperar uma mudança na reflexão e na prática filosóficas na América Latina.

Um bom glossário (p. 75-83) ajuda o leigo a melhor entender o sentido de palavras técnicas do campo da Filosofia.

À guisa de conclusão, tomo a liberdade de transcreever o que consta da capa do livro. "A produção filosófica desde o tempo da conquista até nossos dias é analisada e como resultado tem-se uma panorâmica geral, os nomes mais importantes, as obras produzidas, as escolas e correntes, que, de perto ou de longe, influenciaram o pensamento filosófico latino-americano".

**Alino Lorenzon**

LIMA VAZ, Henrique C. de

**Escritos de Filosofia. Vol. I — Problemas de fronteira.** São Paulo, Edições Loyola, 1986. 310p. (Coleção Filosofia, 3). Vol. II — **Ética e cultura.** São Paulo, Edições Loyola, 1988. 295p. (Coleção Filosofia, 8).

Professor e pesquisador do Departamento de Filosofia da UFMG, Henrique Claudio de Lima Vaz, jesuíta, é um dos intelectuais brasileiros de maior originalidade e fecundidade. E foi com toda justiça que a Comissão nomeada pela Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), constituída pelos professores Gerd. A. Bornheim, Oswaldo Porchat Pereira e Balthazar Barbosa Filho, conferiu a Henrique C. de Lima Vaz, no III Encontro Nacional de Filosofia, realizado na cidade de Gramado em setembro de 1988, o Prêmio do melhor livro de Filosofia, publicado no país nos últimos cinco anos. **Escritos de Filosofia 1: Problemas de fronteira** foi o livro premiado. E essa distinção deve-se à influência exercida na formação da Filosofia no país, à importância e à qualidade da obra.

O volume reúne alguns escritos, publicados entre 1963 e 1984. Como consta no subtítulo, o autor estuda e discute temas e problemas que se situam nas fronteiras incertas entre a **filosofia** e a **teologia** ao longo da tradição do pensamento cristão. Baseado numa extensíssima bibliografia especializada, Lima Vaz mostra como se instaura o pensamento moderno a partir de uma herança teológica. Essa relação entre cultura moderna e cristianismo constitui o fio condutor de todo o primeiro volume, do começo ao fim. Não se pode compreender o pensamento moderno des-

vinculado duma herança teológica. Não se pode compreender Descartes e a filosofia moderna sem mergulhar na grande obra de Alberto Magno, são Boaventura, Rogério Bacon e santo Tomás de Aquino. Por isso, é preciso conhecer e entender a fisionomia do século XIII, as fontes árabe-júdas, a entrada de Aristóteles e a difusão da filosofia árabe-júda, a função das universidades e o nascimento da escolástica, as grandes correntes do século XIII e a significação de santo Tomás de Aquino. Dessa forma, será bem mais coerente a articulação da Teologia com a sociedade, enquanto leitura da palavra de Deus atualizada frente ao significado do trabalho, da contemplação, da fé e da linguagem. Outras relações do cristianismo com o mundo moderno são profunda e amplamente estudadas, como a constatação ou não de uma ruptura da tradição cristã, a crítica do cristianismo, cristianismo e ocidente, cristianismo e utopia.

O segundo volume, **Ética e cultura**, é, sem dúvida, o melhor trabalho filosófico, produzido no Brasil no campo da ética. E chega, exatamente, num momento crucial de grande confusão, no plano teórico e prático, a respeito dos valores morais. A esse respeito, o **Jornal do Brasil** consagrou várias páginas, aproveitando a oportunidade da realização do Colóquio Internacional Franco-brasileiro, no Rio de Janeiro, sobre **Ética e racionalidade**. (O Colóquio foi realizado no IFCS/UFRJ no período de 24 a 27 de abril de 1989).

A obra em apreço revela uma grande densidade e uma profunda reflexão éticas, alimentadas de uma intensa meditação dos clássicos, como Platão, Aristóteles e Hegel, meditação esta confrontada, constantemente, com a problemática contemporânea. É essa é uma rara virtude nos pensadores brasileiros e latino-americanos. Ademais, Lima Vaz estabelece um amplo debate com uma plêiade extensíssima de pensadores, debate facilitado por sua surpreendente cultura e domínio do grego, e do latim e das línguas modernas, o que dá à obra um valor particular. A propósito da cultura do grande pensador brasileiro, o professor Hugo Amaral, também do Departamento de Filosofia da UFMG, afirma, na resenha publicada na revista **Leia** (janeiro 1989), que "o leitor vai deparar, num livro de 293 páginas, com 807 notas, nas quais a identificação rigorosa das fontes irá permitir-lhe situar-se com segurança, em rede abrangente de autores, problemas e argumentos que tem atrás de si longa e rica história". É essa história da matriz teológico-ética da cultura ocidental que o autor revela, desenvolve e nos apresenta de maneira bem original. São, portanto, os próprios **fundamentos da ética** que são amplamente analisados, questionados e confrontados com os desafios e com a problemática atual. A simples leitura dos principais títulos da obra nos indica a amplitude e a oportunidade do debate: fenomenologia do **ethos**; do **ethos** à ética; ética, razão, direito e ciência; ética e política; democracia e sociedade; cultura e religião. Como se vê, são temas que implicam numa redifinição e reatualização dos fundamentos éticos da nossa racionalidade e da nossa sociedade. É um desafio teórico, muito bem enfrentado por Lima Vaz.

Diante desse **furor destruídos** dos fundamentos da Metafísica e, consequentemente, da Ética, será necessário retomar o debate. "Assim, não é difícil perceber no seio das grandes tendências do pensamento contemporâneo uma notável e inegável correspondência entre a crítica dos fundamentos da Metafísica e a crítica dos fundamentos da Ética. O positivismo lógico não é senão o paradigma mais conhecido dessa correspondência. Eis aí, sem dúvida, posta a descoberto uma das raízes do profundo paradoxo e da extrema ambigüidade da nossa cultura, na qual a multiplicação das razões de toda ordem — desde as científico-técnicas até as ideológico-políticas — é acompanhada por um generalizado e invencível ceticismo que atinge as razões últimas do ser e da vida, justamente essas razões metafísico-éticas com as quais a civilização da Razão começou por estabelecer o centro o seu universo simbólico e a tentar traçar as direções possíveis do seu caminho histórico" (p. 8).

É bom insistir na pergunta decisiva, permanentemente presente em toda a obra: "uma civilização que celebra a Razão, mas abandona a Metafísica e a Ética é

semelhante, para lembrar uma comparação de Hegel, a um templo sem altar; que outro destino lhe resta senão o de tornar-se uma **spelunca latronum** (Mt 21, 13)?” (ibid.).

O plano inicial do volume previa um capítulo sobre Ética e liberdade. Mas, a sua elaboração tendo avançado muito além dos limites previstos, será publicado à parte. Será um texto decisivo e fundamental, um guia seguro e lúcido na presente conjuntura nacional e internacional, por tratar dum tema e duma problemática vitais para o homem, enquanto ser individual e social.

Em conclusão, resta-nos manifestar a Lima Vaz a nossa homenagem, expressando, ao mesmo tempo, os votos de que o terceiro volume “Ética e liberdade” seja publicado o mais depressa possível por considerá-lo atualíssimo e extremamente importante na presente crise nacional e mundial em que todos nós estamos envolvidos.

**Alino Lorenzon**

JAPIASSU, Hilton.

**Psicanálise: ciência ou “contraciência”?**

Rio de Janeiro, Imago, 1989. 175p. (Série Logoteca).

A filosofia está presente no “inédito” freudiano e constitui o lugar mesmo em que se põe o problema da **racionalidade**. É que todo discurso científico, tomado em si mesmo ou regulando determinada prática, refere-se, de uma forma ou de outra, por uma necessidade mesma de racionalidade, à filosofia. Nesse sentido, nenhum **logos**, tampouco o da psicanálise, pode ser-lhe totalmente estranho. É nesses termos que se pode falar dos fundamentos filosóficos da psicanálise, ou seja, que se pode determinar o acontecimento que constitui a “coisa freudiana” por seu advento no campo do saber.

Japiassu analisa as implicações da teoria (e da prática) psicanalítica com a filosofia e a ciência. Seu trabalho expõe como se articulam — ou se afastam — as categorias filosóficas, os conceitos científicos e este saber tão peculiar em sua constituição que é a psicanálise. Saber psicanalítico que é uma encruzilhada de saberes — uma transgressão dos saberes constituídos — que ora parece se aproximar da precisão desejada pelas ciências “duras” ora parece familiar à magia, à contra-ciência e, mesmo, à fé. Mas é um saber que trouxe uma contribuição revolucionária para um melhor conhecimento do que é o homem, de seus condicionamentos psicológicos e de sua dimensão social.

“Em síntese, a originalidade da teoria freudiana pode ser expressa nos seguintes termos: a psicanálise veio nos esclarecer que os homens não constituem entidades autônomas, vale dizer, não são donos de seus pensamentos e de suas condutas, pois são determinados (ou condicionados) por uma estrutura invisível (o aparelho psíquico) “armada”, em cada um deles, durante os primeiros anos de suas vidas. Assim como Marx nos mostrou que o sujeito humano, o ego econômico, político ou filosófico, não constitui o “centro” da história, da mesma forma Freud nos revela que o sujeito real (o indivíduo em sua “essência” singular) não possui a figura de um ego centrado no “Eu”, ou seja, na consciência, pois constitui um sujeito inteiramente de-centrado. Assim como a astronomia copernicano-galileana nos desalojou do centro do universo; assim como a biologia evolucionista darwiniana nos retirou da posição de reis da criação e o materialismo histórico marxista nos mostrou a determinação dos lugares que acreditávamos ocupar livremente, da mesma forma Freud veio destruir a ilusão de que a consciência seria o centro de nós mesmos” (p. 8).

Três apêndices compõem a segunda parte do livro: a) Mutações e orientações da psicanálise; b) Freud, Jung e a ciência; c) A crítica nietzscheana ao moralismo.

**Alino Lorenzon**

MURICY, Katia.

**A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo.**

São Paulo, Companhia das Letras, 1988. 140p.

Professora de Filosofia na PUC-RJ, Katia Muricy apresentou o trabalho como tese de doutorado em 1985 no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. A autora mostra como Machado de Assis foi um dos primeiros e poucos escritores latino-americanos a dimensionar o todo da cultura ocidental e a questionar a premissa de universalidade da Razão Iluminista, chegando na fase madura a uma dúvida cética quanto ao projeto de racionalização do país. A análise é feita a partir da prática do romance, com tudo o que implicava de civilizatório no arcaico Brasil da passagem do século. Nem psicológico, nem apenas vagamente filosófico, o ceticismo seria o dispositivo crítico que tornava possível a lucidez do escritor, ceticismo que o levava a relativizar e ironizar, com inteligência fina, os desígnios da Razão Positiva e sua figura central: o sujeito burguês. Pelo viés sobretudo da medicina social — paradigma da higiene das Luzes — Katia Muricy assinala e acompanha, com aparelho conceitual contemporâneo, a tarefa crítica a que se entregava a literatura talvez mais culta que o país jamais produziu.

O “progresso” modernizador chegou ao Brasil, mas de maneira própria.

“A exigência da racionalização a que correspondiam as transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas na Europa a partir do final do século XVIII, determinadas pela nascente industrialização e pelas novas modalidades de exercício do poder, também se fez sentir no Brasil. Ainda que com fundamentais diferenças, o século XIX brasileiro viu surgir novas formas de organização social que nos aproximavam do processo de racionalização, que, nas reformas sanitárias e pedagógicas desse século, na Europa, ganhou características que permitiram chamá-lo de **normalização**. (Expressão de G. Canguilhem, *Le normal et le pathologique*). Aqui, novas formulações científicas, filosóficas, literárias e políticas juntaram-se a práticas de incipiente mas nítido conteúdo normalizador. O exemplo mais distinto dessa nova combinação é a política higienista da medicina” (p. 14).

O livro é, portanto, uma leitura original dos romances de Machado de Assis, porquanto nelos se acham os elementos críticos capazes de desnudar e de se opor à estratégia reguladora do social por parte da medicina.

**Alino Lorenzon**